

Sônia Fátima de Lima Cornélio

EDUCAÇÃO EM PLATÃO

FACER
2002

Sônia Fátima de Lima Cornélio



EDUCAÇÃO EM PLATÃO

Trabalho apresentado à FACER como requisito parcial a Disciplina Dissertação Filosófica II, para fins avaliativos do professor Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos.

30782
Sônia

Tombo nº	7346
Classif.:	
Ex.:	1
Origem:	d
Data:	27.05.03

Aos meus pais,
por tudo que me ensinam,
sobretudo pelo exemplo:
Piedade Ferreira de Lima
e
Antônio Fernandes de Lima

Aos meus filhos,
Pelo carinho.
Vanessa e Gabriel

E ao meu esposo
Aparecido Cornélio,
meus sinceros agradecimentos
pelo apoio em todo o processo
de gestação deste trabalho.

“O homem pode converter-se no mais divino dos animais, sempre que se o eduque corretamente, converte-se na criatura mais selvagem de todas as criaturas que habitam a terra, em caso de ser mal-educado”.

Platão, As Leis, 766a

SUMÁRIO

Introdução.....	5
Capítulo I – Platão e a Filosofia.....	7
1.1. Vida.....	7
1.2. Histórico da Filosofia.....	8
1.3. A Filosofia da Educação.....	10
Capítulo II – A Educação segundo Platão.....	12
2.1. A Educação do Homem.....	12
2.2. Educar é formar o homem virtuoso.....	13
2.3. O processo educativo até se chegar ao rei-filósofo.....	14
2.4. A Educação para a Dialética.....	15
2.5. A Educação como Arte de Desejo do Bem.....	16
Capítulo III – Educação Integral Compreendida como Educação do Corpo e Educação da Alma.....	18
3.1. Educação Integral.....	18
3.2. Educar o corpo pela ginástica e o Espírito da Música.....	19
3.3. Conhecer-se a si mesmo: Auto-Educação.....	19
3.4. Crítica de Platão aos Sofistas.....	20
3.5. A Educação enquanto Responsabilidade do Estado.....	20
Capítulo IV – A Educação de Hoje.....	22
4.1. O Educar dos nossos dias.....	22
4.2. Platão Hoje: Ideal da Nova Educação.....	22
Conclusão.....	25
Bibliografia.....	27

INTRODUÇÃO

O homem é um ser de relação. Vivendo em sociedade, constrói cultura e formas políticas de organização, que se caracterizam pela instituição de leis e formas de governo, as quais garantam a vida em comunidade. A educação é um elemento importante na consolidação do Estado. É ela justamente que possibilita a construção da unidade cultural de um povo.

Sem dúvida, um dos grandes méritos de nosso século foi o de despertar uma consciência, praticamente universal, a respeito da educação e sua importância para o desenvolvimento das nações. A sociedade atual experimenta grandes transformações. Uma pergunta que se encontra nos dias de hoje é sobre a educação.

Platão, filósofo grego, que viveu entre os anos 427 e 347 a.C., especificamente seu pensamento sobre a educação, não é desenterrar fósseis do passado ou mesmo arqueologia da filosofia, pois Platão tem permanente atualidade. Apesar de engenhosos esforços de grandes estudiosos, não foi ainda possível dar conta de entender seu pensamento. Aliás, sua filosofia continua sendo objeto de grandes estudos, discussões e interpretações.

No Livro VII de A República, Platão diz que se trata de dar a conhecer o comportamento da natureza, conforme ela é ou não submetida à educação.

As diversas ciências (Matemática, Geometria, Astronomia, etc.), tem por missão preparar o espírito para atingir o plano mais elevado: a Filosofia e a Dialética, cujo fim é o conhecimento do bem. A educação para Platão tem que ver com a prática do bem e o engajamento do indivíduo na polis. O ideal de educação, segundo o filósofo da Academia, não é formar o indivíduo que vive somente para si mesmo. O ideal de educação platônica é formar o indivíduo cidadão participante e atuante em uma comunidade.

Platão ajuda a perceber uma educação mais preocupada com a formação da pessoa, e não meramente com sua instrução. O desafio é como educar o indivíduo independente e livre, em harmonia com o cidadão participante e atuante numa sociedade.

O nível de competitividade e a preocupação com o mercado enfatizaram uma educação cada vez mais técnica e intelectual, não se preocupando, com a mesma intensidade, com a dimensão afetiva, ética e transcendente do homem.

Platão nos leva a refletir filosoficamente sobre o problema da educação, para redescobrir seus valores, bem como conservar um postura crítica em relação aquelas idéias que hoje nos parecem irrelevantes. Somos desafiados a pensar uma educação integral, que supere as situações de nossos sistemas educacionais. Isso implica formar o homem em todas as suas dimensões e não somente na dimensão intelectual. Parece insuficiente educar apenas o indivíduo capaz de competir e fazer parte do mercado de trabalho. Sobretudo, educar e formar o homem ético, participante de uma comunidade humana e transformador de sua realidade social.

O presente trabalho pretende-se conhecer melhor a pedagogia platônica e levantar questões filosóficas necessárias para uma educação moderna, atual e global.

Capítulo I – Platão e a Filosofia

1.1. Vida

Filósofo grego, chamava-se Aristócles, nasceu em Atenas em 428 ou 347a.C. Descendente de família da alta aristocracia, foi aluno de Crátilo, discípulo de Heráclito. Aos vinte anos conheceu Sócrates, do qual se tornou discípulo, até a morte do mestre, em 399a.C. Retirou-se, então, para Mégara, retornando mais tarde a Atenas. Empreendeu uma viagem ao Egito, de onde foi para a Itália Meridional, recebendo em Cirene, os ensinamentos do matemático e astrônomo Teodoro. Experimentou pessoalmente seu poder educativo e immortalizou-o em inúmeros diálogos. Vendido como escravo em determinada ocasião, foi libertado por um armador que o reconheceu. Crítico, poeta, apesar de ser um grande poeta aderiu à Filosofia. Em Atenas, deu aulas durante 40 anos na Academia. Foi um dos maiores críticos da democracia do seu tempo. Pelo menos daquela que era praticada em Atenas e que ele conheceu de perto. Nascido em uma família ilustre que se orgulhava de descender do grande reformador Sólon, Platão, como ele mesmo explicou na VII carta, terminou desviando-se da carreira política devido ao regime dos “Trinta Tiranos”, derrocado em 403 a.C. Um dos seus parentes próximos havia exercido elevadas funções durante aquela tirania, que, apesar da sua curta duração, foi extremamente violenta, perseguindo os adversários de maneira incomum para os costumes gregos. Fato que lançou suspeitas sobre toda a sua família, inclusive atingindo o jovem Platão, quando a democracia foi restaurada. Mas o fator decisivo da aversão dele à democracia deveu-se ao julgamento e condenação a que foi submetido no areópago, ou seja, Tribunal Ateniense, o seu velho mestre, o sábio Sócrates. Que, como é sabido, foi injustamente acusado de impiedade e de ter corrompido a juventude ateniense, educando-a na suspeita, dos deuses da cidade. Caso célebre acontecido no ano 399 a.C. e que culminou com Sócrates sendo obrigado a beber a cicuta (veneno oficial com que se executavam os condenados em Atenas). Esse crime jurídico que vitimou o amável ancião fez com que ele passasse a se dedicar, entre outras coisas, à busca de um regime político ideal, que evitasse para sempre a possibilidade como a que vitimou o velho sábio.¹

1. Enciclopédia Mirador

Os Diálogos, Obra Dramática

“Ora, estabelecemos, e repetimos muitas vezes, se bem te recordas, que cada um deve ocupar-se na cidade de uma única tarefa, aquela para a qual é melhor dotado por natureza”.

Platão, A República, Livro IV.

Platão, como grande estilista da língua grega que era, dotado de extraordinário censo dramático, apresentou um método original de expor suas reflexões: o do diálogo. O que levou alguns estudiosos a afirmarem que tal método de exposição era literariamente tão grandioso como as tragédias de Esquilo ou de Sófocles. Nos diálogos platônicos, o personagem central é Sócrates, com quem Platão conviveu até o seu momento final. A principal obra política dele foi A República (Politéia), que compôs provavelmente entre 380 e 370 a.C., quando tinha mais de 50 anos de idade, portanto uma obra madura. Um pouco antes do seu falecimento Platão voltou novamente a especular sobre a sociedade ideal por meio de outro grande diálogo: As Leis.

O cenário onde a reunião acontece, tal como ocorre em tantos outros diálogos de Platão, é a casa de um homem rico, o velho céfalo, que põe o seu salão à disposição dos intelectuais, políticos e artistas para discutirem Filosofia e assuntos gerais. Estão presentes Sócrates, os filhos do dono da casa, Polemarco, Lísias e Eutiderno, além de Timeu Crítias e Irasímaco. Tais tertúlias ou assembléias eram muito comum fazendo o gosto das classes cultas de Atenas, sendo uma espécie de antecipação dos salões que fizeram a fama da sociedade aristocrática francesa do séc. XVIII e XIX. Algumas obras: Apologia de Sócrates; Fedon; Sofista; O Político; O Primeiro Alcibíades; Filebo; Ion; As Leis e Epinomis; Menon; O Banquete; A República; Teeteto e Timeu.

1.2. Histórico da Filosofia

No sentido técnico, a palavra tal como até hoje é empregada, foi inventada ou melhor definida por Sócrates e Platão, que a entendem não como

sabedoria, mas amor ou procura amorosa da sabedoria. A sabedoria, por sua vez, consistiria não apenas no conhecimento teórico das essências, idéias, causas ou princípios das coisas, mas na vida de acordo, ou a harmonia, da vida teórica, ou seja teórica, e da vida prática poderia proporcionar a felicidade, razão de ser da Filosofia.

Embora possam encontrar-se elementos filosóficos na visão de mundo oriental, em que predomina o conteúdo religioso e ético, e seja qual for a influência que possam ter exercido nas origens remotas do pensamento grego, a Filosofia, tal como tem sido entendida, ao longo de uma tradição milenar, tanto na palavra quanto na realidade a que a palavra se refere, é essencialmente grega, não passando a expressão, freqüentemente usada de Filosofia Ocidental Européia de uma forma diferente.

Cabe distinguir-se, no entanto, entre começo e origem a Filosofia, segundo a tradição que remota a Aristóteles, começa historicamente no séc. VI a.C., nas colônias gregas da Ásia Menor. Sua origem não se confunde com seu começo em determinado momento do tempo e lugar no espaço, mas deve ser procurada nos motivos que levam o ser humano a filosofar. Se não perdurasse no homem de hoje, que reflete, mais de dois milênios e meio depois deles, uma exigência semelhante ou análoga à que determinou o pensamento de Heráclito e Parmênides, por exemplo, não seria possível compreender esse pensamento de cuja "origem" estaria totalmente excluído. Se o compreende, se ainda é para ele significativo, é porque brotou da mesma raiz, ou da mesma fonte, de que ressurge sempre o impulso que o leva a filosofar.

Segundo Platão, a origem da Filosofia é a surpresa, o espanto. O espetáculo do mundo, da natureza e da fórmula pergunta sobre a procedência das coisas, sua consistência e razão de ser. Para Platão, a primeira virtude do filósofo é admirar-se. A admiração é a condição de onde deriva a capacidade de problematizar, o que marca a filosofia não como posse da verdade, mas como sua busca. A dúvida a respeito do que se imagina ou pretende conhecer é outra origem possível da reflexão filosófica. Pondo em questão a validade de Todo conhecimento às últimas conseqüências, torna possível a procura e eventualmente a descoberta de uma certeza que, por sua irrecusável evidência, resista a qualquer crítica. É a dúvida radical metódica e hiperbólica (exagerado), que permite a Descartes encontrar no cogito o fundamento da nova Filosofia.

A origem da Filosofia encontra-se não só em uma exigência da razão pura, que procura restaurar a unidade e a harmonia no plano do pensamento, ou da teoria, mas em uma idéia da razão prática, que se empenha em conhecer o mundo para transformá-lo, a fim de restaurar, a harmonia e a unidade no pensamento e na própria realidade da existência humana. Tal exigência, já implícita no pensamento grego, explicita-se ao longo não só da história da Filosofia, mas também no desenvolvimento da ciência e da técnica, pois, jamais haveria ciências se a Filosofia não as houvesse percebido e preparado.

1.3. A Filosofia da Educação

“A educação é um processo lento e doloroso em que vão expondo as pessoas à verdade”.

Platão

Cada povo tem um processo de educação pelo qual transmite a cultura, seja de maneira informal ou por meio de instituições como a escola. No entanto, nem sempre o homem reflete especificamente e de maneira rigorosa sobre o ato de educar. Muitas vezes a educação é dada de maneira espontânea, a partir do senso comum, repetindo-se costumes transmitidos de geração para geração.

A teoria, contudo, é necessária para que se supere o espontaneísmo, permitindo que a ação educacional se torne mais coerente e eficaz. Aliás, é bom lembrar que, segundo o conceito de práxis, a teoria não se separa da prática, que é o seu fundamento. Isso significa que ela não se desliga da realidade, mas nasce do contexto social, econômico e político em que se vai atuar. Quanto mais rigoroso for, mais intencional será a prática.

Se a Filosofia é uma reflexão radical, rigorosa e de conjunto que se faz a partir dos problemas propostos pelo existir, é inevitável que entre esses problemas estejam os que se referem à educação. Portanto, cabe ao filósofo acompanhar, reflexiva e criticamente, a ação pedagógica, de modo a promover a passagem de uma educação assistemática (guarda pelo senso comum) para uma educação sistemática (alçada ao nível da consciência filosófica).

A partir da análise do contexto vivido, o filósofo indaga a respeito do homem que se quer formar, quais os valores emergentes que se contrapõem a

outros, já decadentes, e quais os pressupostos do conhecimento subjacentes, ou que não se manifesta aos métodos e procedimentos utilizados.

Cabe à Filosofia, entre outras coisas, examinar a concepção de homem que orienta a ação pedagógica para que não se eduque a partir da noção abstrata de “criança em si”, de “homem em si”. Da mesma forma, não há como definir objetivos educacionais se não temos claros os valores que orientam nossa ação. O filósofo deve avaliar os currículos, as técnicas e os métodos a fim de julgar se são adequados ou não aos fins propostos sem cair no tecnicismo, risco inevitável sempre que os meios são supervalorizados e se desconhecem as bases teóricas do agir. Diante do avanço das ciências humanas, alguém talvez argumente que a Filosofia da Educação terá seu campo bastante restringido. Embora sejam importantíssimas as conquistas da Psicologia e da Sociologia, e delas muito tem se aproveitado a pedagogia, a Filosofia tem ainda tarefas bastantes específicas que não podem ser desprezadas. A Filosofia tem a função de interdisciplinaridade, pela qual estabelece a ligação entre as diversas ciências e técnicas que auxiliam a pedagogia. Por exemplo, é a análise filosófica que permite refletir a respeito do risco que representam os “ismos”, ou seja, a preponderância de uma determinada ciência na análise dos fenômenos pedagógicos (o psicologismo, o sociologismo, o economicismo etc.)

Tendo sempre presente o questionamento sobre o que é a educação, a Filosofia não permite que a pedagogia se torne dogmática nem que a educação se transforme em adestramento ou qualquer outro tipo de pseudo-educação. Portanto, é necessário que a formação do pedagogo esteja voltada não só para o preparo técnico-científico, mas também para a politização e a fundamentação filosófica de sua atividade.

CAPÍTULO II – A EDUCAÇÃO SEGUNDO PLATÃO

2.1. A Educação do Homem

“Educar um homem implica ajudá-lo a tornar-se homem”

(Platão)

O gênero humano é marcado por duas tríades: a tríade composta de mente-vontade-coração e a tríade trágica marcada pelo sofrimento-culpa e morte. Essas duas tríades (conjunto de três coisas) afloram no homem sua consciência de caminheiro. O ser humano, na crueza de seu ser, se percebe como um eu que não está pronto. Vive sua vida segundo o reino das possibilidades, cresce no ser o seu existir manifesta-se como um constante fazer-se um determinado vir-a-ser.

A vida do homem se apresenta como um encontro. Essa possibilidade aberta ao homem é a educação.

Na educação o homem não somente assume uma condição de abertura ao novo, mas supera a si mesmo, atualiza suas potencialidades. Por isto, a tarefa primeira da educação é a humanização.

Só o homem é um ser educável que consegue conservar e propagar a sua forma de existência por meio da vontade e da razão. O ser humano cria progressivamente a si próprio e cria, pelo conhecimento do mundo exterior e interior, formas melhores de existência humana.

Aí sucede uma velha pergunta filosófica, sempre nova e atual: o que é o homem? E o que torna este homem humano? Que homem educar? Para qual sociedade?

Esta talvez tenha sido a preocupação central de Platão: formar o homem para uma sociedade ideal.

A preocupação de Platão é com uma educação harmônica que garanta a felicidade tanto à polis quanto ao indivíduo. Tal educação está idealizada em seu grau máximo na figura do filósofo. Através da Filosofia, o filósofo da Academia pretendeu expressar o modelo mais elevado de educação do homem.

Só o filósofo já chegou ao apogeu tão elevados de humanidade. O filósofo idealizado por Platão é o único capaz de governar a cidade com justiça, pois

é o que mais recebeu educação. Sua educação não consiste numa formação técnica, mas integral, de modo que pode desenvolver todas as suas capacidades. O modelo do filósofo é a medida suprema, o Bem, entendido como princípio absoluto. Seu objetivo é a construção da polis justa, por isso o filósofo é um dedicado de sua comunidade e está impregnado a um grande espírito comunitário.

2.2. Educar é Formar o Homem Virtuoso

Uma das perguntas centrais em Platão é a pergunta pela virtude, pois o que é e em que consiste a virtude?

Para Platão, a virtude é a coisa mais preciosa e valiosa da vida, pois, somente sendo virtuoso, o homem poderá ser feliz: “Todo o ouro da terra e debaixo da terra não alcança o valor da virtude”. (Platão, As Leis)

Platão refere-se à virtude como sendo uma harmonia. A virtude harmoniza os diversos elementos que compõem o complexo humano. Na República a justiça aparece como a virtude mais importante. Praticando, nos assemelhamos ao que é invisível, divino, imortal e sábio.

A sabedoria (Sophia) e a prudência (phrónesis) são as mais fundamentais. A prudência ou sabedoria é a virtude própria da alma racional e no exercício está o divino no homem.

A Fortaleza é uma outra virtude importante, essa virtude exerce uma função de regular na alma as paixões nobres e fazendo com que o homem se sobreponha ao sofrimento e a dor, sacrificando os prazeres, quando, em nome do dever, isso seja necessário. Portanto, temos um grupo de virtudes, como a justiça, a prudência, a sabedoria e a fortaleza. A virtude da justiça será, ao que parece, uma espécie de saúde, beleza e bem-estar da alma; ao passo que o seu contrário, a injustiça é uma enfermidade.

Platão afirma que os cidadãos devem ser divididos em três classes:

- o povo comum ou trabalhadores;
- os soldados chamados de sentinelas;
- os guardiões denominados governantes-filósofos.

O conceito de justiça em Platão está diretamente ligada a sua tentativa de busca de maior organicidade educacional, que alcança um desenvolvimento mais

harmonioso do Estado. A justiça consiste, então, no seguinte: “Que cada um deve ocupar-se de uma função na cidade, aquela para a qual a sua natureza é mais adequada. Além disso, executar a tarefa própria, e não se meter nas dos outros”.¹

2.3. O Processo Educativo até se chegar ao Rei-Filósofo

Platão dá maior importância à classe dos guerreiros, pois deles tudo depende. Essa classe, dos guerreiros, deverá receber educação especial e formação aprimorada, do corpo e da alma. Os melhores dentre esses é que justamente serão preparados para assumir o governo da cidade: os filósofos.

Isso não nos deve levar a pensar que a Filosofia seja uma tarefa fácil. Pelo contrário, a formação do guardião-filósofo será árdua e difícil. Platão chama a atenção para o fato de que a formação filosófica é consequência de muitos anos de educação e que a arte do filosofar supõe reflexão e, portanto, silêncio e solidão. A vocação à Filosofia é uma vocação, a solidão, a reflexão. E toda vocação, para ser autêntica (verdadeira) exige fidelidade. A arte do filosofar exige momentos de deserto e afastamento do mundo. Platão compara a vida do filósofo com uma espécie de exílio.

“...poucos são dignos de conviver com a Filosofia, a não ser qualquer espírito nobre e com boa educação, retido pelo exílio, que, por falta de quem o corrompa, permanece por natureza fiel à Filosofia”.²

Por isso que a Filosofia não é uma atividade de massa, é impossível que a multidão seja filósofa.

Pelo fato de ser um aprendizado difícil e exigente é que Platão insiste que a educação e formação filosófica deve iniciar desde cedo. O tempo favorável de seu início é junto aos adolescentes que mal saíram da infância.

Segundo Platão, deverá começar aos sete anos com a ginástica e a música, tendo o objetivo de desenvolver em harmonia o espírito e o corpo.

Os primeiros anos da criança deveria ser ocupados por jogos educativos, praticados em comum pelos dois sexos e sob orientação. O estudo da

1. A República, p. 39

2. A República, p., 142.

matemática se torna imprescindível. Ela terá lugar em todos os níveis, começando pela prática de exercícios de cálculos ligados a problemas concretos retirados da vida e dos negócios. Platão diz que as matemáticas possuem uma função educativa muito importante, não só de resolver problemas práticos, as matemáticas ajudam a despertar o espírito, adquirir memória, desembaraço e vivacidade, ou o modo de expressar nas palavras. Elas conduzem naturalmente a inteligência.

Seu estudo terá no primeiro momento e de um jogo, sem imposição, em busca de tornar o estudo da matemática mais eficiente. É bom que se aprenda brincando, pois nenhuma ciência deve ser aprendida como prisão. Insiste Platão em A República “não eduques as crianças no estudo pela violência, mas a brincar, a fim de ficarem mais habilitado a descobrir as tendências naturais de cada uma”.

A juventude deve ser posto em contato com a música e ginástica. Juntamente com o estudo da matemática porque ela aprenderá a se desprender do mundo sensível para olhar atento a verdadeira realidade.

Essa educação continua até os dezoito anos, quando começa a preparação cívico-militar. Os moços mais capazes continuam a educação depois dos vinte anos, com o caráter superior. Dentre eles, se escolhem os futuros governantes, cuja educação continua até os cinquenta anos, e continuarão durante toda a vida, pois a educação filosófica possui permanência.

2.4. A Educação para a Dialética

“O Filósofo é o dialeto por excelência”

O diálogo foi o método adotado por Sócrates para transmitir suas idéias. Daí resulta “dialética”. Dialético é aquele que está aberto ao diálogo vivo e livre. Nesse sentido o papel do educador é mais de perguntar e indagar do que responder.

Esse método socrático, baseado no diálogo, compreende: a ironia e a maiêutica. Na primeira, Sócrates tinha o objetivo de procurar nos discípulos o orgulho pela sabedoria. A intenção de Sócrates não era destruir o conteúdo citado por seus discípulos e sim, conscientizar de suas próprias respostas e o rigor na linguagem.

Libertado do orgulho e de toda vaidade exagerada, o discípulo poderia fazer o caminho de volta, reconstruindo suas próprias idéias, e, revendo os erros e corrigindo-os. A segunda, a maiêutica, arte de parto ou a arte de trazer a luz.

A dialética platônica tem como objetivo o diálogo com a vida, sendo que educar é aprender a perguntar sobre a vida, na vida e com a vida, pois a vida traz muitas perguntas, indaga a respeito da qualidade como vivemos.

A dialética está presente em todos os diálogos de Platão, permitindo um processo de aproximação do indivíduo no falar e pensar.

Dentro da dialética platônica há duas doutrinas:

- doutrina exotérica³: destinada aqueles que estão fora da Academia, portanto, não possuem as condições necessárias para compreender com mais profundidade a doutrina; aqueles que estão fora recebem uma formação mais leve, mais didática.
- doutrina esotérica⁴: destinada aqueles que estão dentro da Academia, portanto, não só aproveitam da intimidade do mestre, como também estão a par das discussões.

2.5. A Educação como a Arte de Desejo do Bem

“O papel da educação não é dar visão, mas orientar os olhos para a direção certa”.

(Platão)

Antes de procurar definir o que é educação, para Platão, antes vamos estudar o que não é educação. Para Platão, educação “não é o que alguns apregoam o que ela é. Dizem eles que arranjam a introduzir ciência numa alma em que ela não existe, como se introduzir ciência em olhos cegos”. (A República)

A pedagogia de Platão, ao lado a filosofia, afirma em sua idéia. Baseia na teoria dos dois mundos:

- mundo das Idéias : os homens conheciam todas as coisas na sua verdadeira essência e, ao fazer parte deste mundo das sombras ou mundo sensível, os homens se esqueceram de tudo aquilo que sabiam. No mundo das Idéias,

3. exotérico = diz-se de ensinamento transmitido ao público sem restrição.

4. esotérico = diz-se de ensinamento reservado a poucos.

encontra-se a verdade, porque ali está o fundamento último e a essência (substância) da realidade. O mundo das Idéias corresponde ao inteligível (mundo do espírito).

Ele formula uma teoria que separa o corpo da alma, chamada de doutrina das reminiscência, a alma guarda a lembrança das Idéias contempladas, que passam para a percepção e voltam a consciência, sendo, então a aprendizagem nada mais é que uma reminiscência⁵, ou seja, aprender é recordar.

Então, para o fundador da Academia, educação é a arte do desejo do bem, possuindo uma finalidade: a prática do bem. E o bem está associado a sabedoria enquanto busca da verdade. O amor pela sabedoria e pela verdade possibilita que o bem seja praticado, sendo o maior objetivo da educação.

5. reminiscência: o que se conserva na memória; a faculdade da memória.

CAPÍTULO III – EDUCAÇÃO INTEGRAL COMPREENDIDA COMO EDUCAÇÃO DO CORPO E EDUCAÇÃO DA ALMA

3.1. Educação Integral

Platão dá grande importância a narração e aos contos, à literatura. É favorável que até certa idade os jovens não devam ver nada de feio ou vicioso; por isso, condena o ensino da poesia de caráter mimétrico.

É importante vigiar os autores de fábulas, e selecionar as que forem boas e extinguir as más. Aquelas que forem escolhidas como boas deverão ser incentivadas...¹

Essa condenação da poesia, que consiste na imitação, tem um sentido mais profundo que a simples exclusão do lúdico, ou seja, divertimento, na psicologia humana. Platão chama a atenção para o perigo que alguns textos poéticos podem significar para os jovens: leva-los a fantasiar a realidade.

O problema da arte em Platão está ligado as suas preocupações relacionadas a ética e a política. Platão coloca a questão sendo assim: até que ponto a arte se aproxima do verdadeiro? A arte torna os homens melhores ou ela é um obstáculo? A arte ajuda na educação do homem ou não?

Ele assume certa desconfiança em relação a arte. Para Platão a idéia de que a arte não revela o verdadeiro, pois não o conhece. É mentirosa, portanto não melhora o homem. Não educa, mas deseduca, porque se dirige as capacidades irracionais da alma.

Platão chama a atenção para que a arte não tem valor em si mesma. Quando a arte não se deixa fecundar pelo logos, torna-se falsa, falaciosa, esconde a verdade causando perturbação a alma. Toda a arte que pretenda ser verdadeira deverá submeter a Filosofia, sendo única capaz de alcançar a verdade. O poeta deve obedecer às regras e a dialética do Estado.²

A arte pode ser um meio a serviço da educação, não um fim, entendendo a educação como um processo contínuo, dinâmico, um eterno vir-a-ser.

1. A República, p. 221.

2. REALE, História da Filosofia Antiga, p. 174.

3.2. Educar o Corpo pela Ginástica e o Espírito pela Música

“Uma boa educação consiste naquela já encontrada ao longo dos anos pelos antigos: a ginástica para o corpo e a música para a alma”.
(Platão; República)

A preocupação de Platão é possibilitar uma educação harmoniosa do corpo e do espírito de modo que prepare aquele que a recebe para chegar um dia a verdadeira ciência. A música e ginástica ajudará o educando naquilo que possui de melhor em si, mas conservando aquilo que possui em particular. Ambas tem que ser trabalhadas em conjunto, pois, aqueles que dão ênfase só a ginástica tornaram grosseiros, demasiado tensos; cultivam demais a dureza e a violência. E aqueles que se dedicam apenas a música tornaram moles demais e delicados.

A finalidade da ginástica não é a robustez física do atleta, mas desenvolver a coragem do guerreiro. Já a educação musical possui dois objetivos fundamentais:

- colocar no educando um espírito de ordem e desenvolver o verdadeiro amor a beleza. Para Platão, os mestres das crianças deverá ser cuidadosamente selecionados, não é qualquer arte que deve ser ensinada, tampouco qualquer artista deverá ser mestre.

3.3. Conhecer-se a si mesmo: Auto-educação

“Esforça-te para te tornares cada vez mais belo”.
(Platão; O Primeiro Alcibiades)

Conforme a epígrafe acima, essa é a tarefa da educação, investigar a melhor forma de aperfeiçoar tanto o discípulo quanto o mestre. Conhecer-se deve consistir numa busca diária tanto que educa quanto que exerce o papel de educando. Não se trata de caminho fácil; conquistar a si mesmo é fruto de um grande esforço.

Sócrates insiste na necessidade de “cuidar-se a si mesmo”. Com isso, não pretende referir-se ao cuidado do corpo, pois este é o campo da ginástica, cuidar de si mesmo significa cuidar da própria alma.

Para Platão, a alma humana é algo que nós não podemos criar, nem destruir, porém, podemos mantê-la faminta alimentando-a ou envenenando-a. Se privarmos a alma dos alimentos mentais, padecerá fome e degenerará, assim como a fome poderá fazer degenerar ou corromper seu corpo, caso suas necessidades corporais desatendidas.

A bondade deve ser buscada dentro do homem. A primeira obrigação de um homem é preocupar-se consigo mesmo, e ser autêntico. E aí está a obrigação de conhecer a si mesmo.

O homem deve submeter-se a si mesmo, e Sócrates diz na Apologia “Uma vida sem reflexão não merece ser vivida”. De certa forma fala-se da auto-educação.

3.4. Crítica de Platão aos Sofistas

Platão era preocupado com uma educação, não somente como erudição, transmissão de conhecimentos, mas, com uma educação como condição e possibilidade privilegiada de formação do homem integral. O sofista não é um educador e, sim, professor. É um péssimo professor. A educação que ensina não passa de uma técnica desvinculada da vida. Ensina uma técnica retórica aos jovens, mas não ensina aquilo que possa contribuir para tornarem-se melhores. Sua prática educativa é demonstrar discordância, baseada em opiniões, mas não em conhecimento. O sofista pretende tratar dos assuntos da alma, sem conhecê-la. Ensinam o bem, sem a mínima preocupação que os homens sejam bons. Ignoram aquilo que torna os homens melhores, porque não se conhecem.

3.5. A Educação enquanto Responsabilidade do Estado

Platão insiste que a educação teve de ser pública, o que constitui uma novidade para a educação de seu tempo, já que a educação era de caráter privado. Seu sistema educacional prevê que os futuros mestres sejam escolhidos pela comunidade e controlados por magistrados decidem pelos programas e velam pela sua aplicação. São eleitos para assumir, durante um período de cinco anos, através de um escrutínio ou seja uma votação secreta. Deve ter cinquenta anos, ter tido

filhos e ser destacados pelas suas habilidades no terreno onde deverão trabalhar e serão assessorados por diretores e inspetores (auxiliares).

O Estado constitui o primeiro e o maior responsável pela educação dos indivíduos que o compõem. “Em Platão a educação está a serviço do Estado, da educação. Não há educação sem Estado, nem Estado sem educação. O Estado é o indivíduo em ponto grande.”³

Para Platão, o Estado tem sua origem no fato de cada um não ser auto-suficiente; Platão tenta uma harmonia e equilíbrio do indivíduo na sua relação com o Estado e vice-versa. Essa harmonia é possível, se temos presente o conceito de homem platônico para Platão, o homem é a sua alma. E o Estado é uma ampliação ou crescimento harmonioso dessa alma.

A perfeição do estado dependerá da perfeição dos cidadãos. A tarefa do educador será ajudar seu “pupilo” a contemplar as idéias para formar o homem moral para depois inserir na sociedade e só depois construirá o Estado justo.

A reforma da polis somente será possível através de uma atitude pedagógica radical e que será alcançada por meio da Filosofia.

Platão diz que o Estado deve educar, e não a família, partindo do princípio de que as pessoas são diferentes e que existe uma diversidade de funções na sociedade; pois a educação é por demais importante para deixá-la sob a responsabilidade da família.

Ele considera a igualdade entre todos, as mulheres merecem a mesma instrução que os homens, já que possuem a capacidade de realizar os mesmos serviços. Para o filósofo da Academia, as mulheres possuíam na mesma inteligência e capacidade dos homens; por isso, tanto os homens e as mulheres poderiam ser filósofos.

3. A República, p. 221.

CAPÍTULO IV – A EDUCAÇÃO DE HOJE

4.1. O Educar dos Nossos Dias

Para a metafísica a educação seria a realização daquilo que deve ser o homem. Tudo depende de que é o homem; a sua essência. A pedagogia existencialista ou a pedagogia da existência que considera o indivíduo em luta dramática para ser ele mesmo, embora opondo-se a pedagogia da essência, não deixa de ser igual a metafísica. O conflito entre essas duas correntes de pensamento pedagógico permanece no interior da metafísica. Tanto uma como outra consideram a educação do homem como um caso individual, consideram a educação como um bem particular, uma conquista pessoal. No primeiro caso temos a atualização de uma essência pré-dada. No segundo caso a conquista de uma essência pela luta individual.

Em oposição a pedagogia metafísica, a pedagogia dialética sustenta que a formação do homem se dá pela elevação da consciência coletiva realizada pelo processo de trabalho – interação – que cria o próprio homem.

A educação é o que se pode fazer do homem de amanhã. Não é a atualização de uma essência ou uma substância do passado nem a perseguição de uma perfeição individual impossível permanente, sempre a meio caminho da humanidade. Enquanto a pedagogia da essência é determinista, mecânica e a concepção existencialista é voluntária e pessimista, a pedagogia dialética da educação é social, científica, uma pedagogia voltada para a construção e a mudança do homem coletivo e que seja aplicada em nossas escolas com uma visão de homens e mulheres capazes de melhorarem a sociedade e se descobrirem como pessoas humanas.

4.2. Platão hoje, Mito da Caverna, Ideal da Nova Educação

O objetivo do mito da caverna é tratar a respeito da possibilidade de o homem conhecer as coisas na sua transparência, portanto, da possibilidade de se chegar a verdade. A visão do bem é a condição de possibilidade para o homem

achar o certo do errado aqui e agora na vida, seja no indivíduo, seja no Estado. No mito da caverna, está presente a tentativa de Platão de resgatar a polis grega a partir da educação.

Na alegoria da caverna, Platão num primeiro momento fala, o que temos são homens numa habitação subterrânea em forma de caverna. Estão lá desde a infância, algemados de maneira que estão impedidos de se mexerem. Permanecem no mesmo lugar e só podem olhar para uma única direção, para o fundo da caverna. Serve de iluminação um fogo que está atrás deles. Entre a fogueira e os prisioneiros há um caminho que sobe ou ascende, e ao longo desse caminho construiu-se um muro, ao longe passam homens transportando toda espécie de objetos. Os prisioneiros nessas condições não podem ver os objetos senão apenas a sombra desses objetos projetada ao fundo da caverna. A atitude dos prisioneiros é de total despreocupação. Estão absortos¹ na contemplação das sombras, que, por sua vez, para aquele que as contempla, constituem a totalidade da realidade, portanto, a verdade. O homem nasce nessa situação de caverna, portanto de ignorância. A tarefa do filósofo educador é mostrar o caminho aos acomodados da caverna ou ignorância, para que estes superem seu estado de ignorância.

De repente um desses prisioneiros é solto dos grilhões (prisão) que o prendem e forçado a olhar para os lados, a andar e a olhar para a luz.

A partir dessa perspectiva, a educação consiste numa provocação e numa ocasião. O educador é aquele que provoca o educando, forçando sua fuga.

O abandono do “bem-estar” do mundo das sombras, portanto da ignorância, para o mundo da realidade. Todo esse processo educativo poderá ser dolorido, pois exige esforço, provoca mudanças e a experiência humana mostra que abrir-se a novidade da realidade, não é uma tarefa fácil. Contemplar a verdade dos objetos iluminados pela luz do sol exige um preço a ser pago: desacomodar-se. O educador é aquele que cria ocasiões que possibilitam o conhecimento e a superação de seu educando. Toda ocasião tem o caráter de ser terapêutica, ou seja, um remédio para curar a ignorância. O conhecimento é fruto de um deslumbramento. Na raiz do deslumbramento está a admiração, berço de onde nasce a Filosofia. Essa superação em relação a situação anterior, possibilitada pela capacidade dos

1. absorto: concentrado em seus pensamentos, distante.

prisioneiros de olharem para todos os lados, andarem pelo interior da caverna e verem os objetos através da luz do próprio fogo, num primeiro momento poderá ser desagradável, sendo que o prisioneiro sentir-se cego, na primeira vista já acostumado com a penumbra das sombras. A superação se converterá em regressão, ou seja, o prisioneiro pensará que estará numa situação inferior a anterior, pois não enxega mais nada. Terá de passar por um tempo de adaptação para acostumar-se com a claridade e mesmo poder olhar direto para o próprio fogo. Se, num primeiro momento, ao menos aparentemente, temos uma espécie de regressão, em um segundo momento o que realmente se dá é uma conversão. Na alegoria da caverna, a educação se mostra como conversão, no sentido de uma mudança de vida e de mentalidade. Porém, a conversão quanto a educação não se dá de um dia para noite. É consequência de longos anos de esforço e perseverança. Platão parece ter claro que a educação do homem sempre exigirá tempo e paciência.

O processo educativo começa no interior da caverna, mas seu objetivo é maior. Não basta contentar-se em ver os objetos através da luz do fogo e, sim, contemplá-los a luz do sol. Sair da caverna será, portanto, uma ordem inevitável. A experiência dentro da caverna, ou a ignorância, quanto a saída dela ocorre perdas, dúvidas, incertezas.

A experiência do prisioneiro na caverna mostra o que significa um processo educativo capaz de levar o homem a sua verdadeira condição. A educação é essa atitude de forçar o homem a saltar sempre mais alto. Platão sabe que não existe educação sem desafios.

O prisioneiro, que sobe os caminhos difíceis de subir para a saída da caverna, revela a busca do homem a procura de si mesmo, superando sua própria natureza.

A educação representada na alegoria da caverna, possui o papel de tirar o homem de seu mundo alienado. Isto implica superar as concepções ilusórias da realidade, a fim de vislumbrar o verdadeiro mundo real.

CONCLUSÃO

A educação é bem diferente das flores do “jardim de Adônis”, metáfora usada por Platão em Fedro, que florescem de oito em oito dias e assim como tão rapidamente florescem também murcham. Educar um homem é semelhante a arte do verdadeiro camponês. Consiste num trabalho sério, incansável e com muita paciência e amor. Exige valas profundas, preparar a terra, escolher as sementes, intensificar o trabalho após a sementeira. Leva-se muito tempo para educar um homem. Platão já dizia na República “são necessários cinquenta anos para formar um homem”. O homem bem formado é todo aquele que se inclina a luz da alma e contempla o verdadeiro. Aquele que, após ter visto o bem em si, usa para si mesmo e na sociedade.

Em importância maior para minha experiência educacional, como educadora, tem presente que educação é uma atividade da alma. A partir dessa perspectiva espiritual, a educação é troca e partilha, dar e receber. Educação é, sobretudo, comunicação; deve estar juntas no diálogo, mas, não podemos dar e partilhar daquilo que não temos ou que ainda não somos. Só damos o que possuímos. Para Platão, a educação é como um sacerdócio que tem como finalidade despertar nas almas a descoberta dos bens mais excelentes, fluindo o maior grau de felicidade no educando. Para aqueles que trabalham em educação, não basta transmitir conhecimentos, mas comprometer-se com aquilo que ensinam. A formação do caráter das crianças e dos jovens é um aspecto da educação que deve ser considerado mais importante que a instrução utilitária, ou simples treinamento da inteligência.

Em Platão a educação possui um fim, um dever-ser moral. O fim da educação tem que ver com a formação do homem moral, e o meio de sua realização é a educação pelo Estado, a medida que este representa a idéia de justiça.

A educação platônica, é a arte do desejo do bem; a realização do bem implica a prática das virtudes. O homem bom é virtuoso. O desafio é uma educação que forme o homem humano. Quer mais humanos, mais ele procura ser feliz.

Nossa tradição cultural se caracteriza por buscar saídas individuais e isoladas para os problemas educacionais, pois, querem boas escolas sem maiores preocupações com o todo, o sistema.,

Platão enfatiza uma educação do inteiro-integral; que forme o indivíduo em todas as suas potencialidades e capacidades, uma educação que não separe o indivíduo e o compromisso com o coletivo.

Hoje fala-se muito em globalização, com uma tendência rígida, torna-se cada vez mais importante uma ação educacional que forme o cidadão do mundo, sem que este perca suas raízes culturais. Aceitar a mundialização da cultura, sem renunciar a própria cultura. A globalização pode ser uma alavanca para a paz e crescimento dos povos, se esta busca o diálogo, na solidariedade e na participação de todos os segmentos sociais, acentuando, sobretudo, não o que nos separar, mas o que nos une.

A maior contribuição de Platão para nosso tempo, seja justamente esta: construir mais justiça, tentar em todas as partes impor a harmonia entre o mal e o bem, porque todo o conhecimento e toda a educação, são uma total bondade; pelo diálogo levar o educando sair da ignorância para descobrir a verdadeira luz – o conhecimento do homem.

BIBLIOGRAFIA

FEDRO. Cartas. O Primeiro Alcibíades. Trad. Carlos Alberto Nunes. Pará: Universidade Federal, 1980.

As Leis e Epínomis. Tradução Carlos Alberto Nunes. Pará: Universidade Federal do Pará, 1988.

PLATÃO. Diálogos III: A República. Trad. Leonel Vallandro, 26ª ed. Rio de Janeiro, 2000.

LUZURIAGA, Lorenzo. História da Educação e Pedagogia. São Paulo: Nacional, 1984.

MONDOLFO, Rodolfo. O Pensamento Antigo. Ed. Mestre Jou, 1966.

REALE. História da Filosofia Antiga.

ANDRADE. Rachel Gazolla. Platão: o cosmo, o homem, e a cidade. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

HAVELOOK, Eric. Prefácio a Platão. São Paulo: Papirus, 1996.

PAVIANI, Jayme. Filosofia e Método em Platão. Coleção Filosofia. Porto Alegre: Edipcrs, 2001.

<http://www.jcwilke.hpg.ig.com.br/platão.htm>